

Moderados implodem sem apoiar Ulysses

RIPAMARIA PEREIRA

Será saber sequer quantos, são os remanescentes do grupo, os moderados do PMDB, reúnem-se hoje, a partir das 18 horas, no gabinete da liderança do Governo, na Câmara, para tentar uma definição conjunta a respeito da opção por um candidato à sucessão presidencial. O desânimo, porém, já tomou conta do grupo moderado, que além de não contabilizar nenhuma vitória desde que conquistou, em março, os 37,4 por cento do Diretório Nacional do PMDB, está, no momento, segundo a definição de um importante líder deles, como, "cego em fileteio numa noite de escuridão".

Na verdade, a indefinição dos moderados, que tem causa múltipla, acabará facilitando o que já vem sendo dado como certo entre eles: que cada um tome seu rumo, levando em conta apenas interesses pessoais, políticos, da base estadual e municipal. A falta de entusiasmo pelo encontro de hoje podia ser medida pela ausência do líder do Governo, Luiz Roberto Pontê, que volta à cidade apenas para participar da reunião. Seus funcionários também limitaram-se ontem a tentar confirmar presença, sem grandes esforços.

Em meados da semana passada, um ministro do grupo moderado contava que durante encontro com prefeitos de seu estado pôde confirmar apenas como será difícil controlar os remanescentes dessa ala peemedebista. Disse-lhe um deles que "feio era perder a eleição" e, como no interior o povo já collorou, ia na mesma direção, para atender o que tomou como má-xima política. No mesmo dia, o ministro foi procurado por líderes do PFL e também pelo candidato do partido à sucessão, Aureliano Chaves, que tentam cooptar os moderados para esse lado da campanha.

Não foi porém a primeira tentativa de Aureliano Chaves. Há cerca de dez dias ele promoveu um almoço com quase 20 moderados, tendo como prato de resistência o apoio do grupo. Ouvia apenas que seria

observado por um tempo para ver o rumo que tomava sua campanha. Mas o tom foi de tal forma desanimador que o candidato do PFL admitiu a possibilidade de desistir, se não decolar até agosto.

E exatamente nas desistências dos candidatos que não decolarem que os ainda crédulos na possibilidade de manter alguma coisa do que foi o grupo moderado amarram a esperança de não ver concretizada a previsível dispersão. Aham esses políticos que, a exemplo de Jânio Quadros, que já desistiu, Aureliano Chaves, Afif Domingos e Paulo Maluf poderão seguir o mesmo caminho, afunilando as opções e facilitando os entendimentos entre os remanescentes do grupo governista dentro do PMDB.

Mas essa é uma esperança vã. Ontem, no gabinete do líder do Governo, o deputado Paulo Mincarone, moderado convicto, assinava as razões pelas quais colloriu: "tenho simpatia pelo Collor. Ele representa a vontade do povo brasileiro. Sei também que o único homem por quem jamais trabalharei chama-se Ulysses Guimarães".

A seu lado, o deputado Jorge Viana, um dos principais articuladores dos moderados completou: "só tenho certeza de que com a chapa Ulysses-Waldir não fico de jeito nenhum. Ulysses porque conheci dirigindo a Câmara; e Waldir, porque sofri com ele governando a Bahia". Essa posição, contudo, tem um atenuante, que é o novo governador, Nilo Coelho. Depois de um ano e meio sem ser convidado a participar de qualquer reunião da bancada de deputados baianos, Viana não só já esteve nelas como vem sendo chamado a oferecer apoio à chapa oficial do PMDB. Fato semelhante acontecia com o deputado Prisco Viana, que, segundo alguns moderados, já aceitou o namoro com o partido e deve trabalhar por Ulysses e Waldir.

São, porém, tendências e posições isoladas. Uns moderados simplesmente querem trocar o PMDB por outro partido, como é o caso

dos paranaenses capitaneados pelo ex-ministro Borges da Silveira. Eles conversaram com Fernando Collor e Afif Domingos, mas as decisões saem isoladas. Jos e Carlos Martinez, por exemplo, collorou. Os outros pensam definir-se em breve.

Na reunião de hoje os moderados pretendem colher informações mais precisas, não só dos políticos como dos ministros de Estado que pertencem ao grupo, conversando sobre os rumos a tomar. Carlos Sant'Anna, da Educação, por exemplo, prefere continuar na muda, conversando, sem compromissos nem definições. Todavia, Jos e Aparecido e Roberto Cardoso Alves ficaram órfãos com a renúncia de Jânio Quadros, para o qual serviam de "cupido", tentando flechar moderados para sua candidatura.

A situação nessa ala do PMDB está, na verdade é se complicando: até queixas antigas e incontornáveis já se repetem. Há entre os moderados uma insatisfação também com a atuação do líder do Governo que, sem olhar o conjunto das dificuldades, já anunciou que vota e trabalha pela chapa Ulysses-Waldir, tomado por problemas locais (no Rio Grande do Sul). Ora, comentou ontem um integrante do grupo, ele não nos ajuda e ainda atrapalha as chances de união.

Queixas e insatisfações à parte, tudo tende a confirmar que dificilmente os moderados conseguirão unidade e coesão para tomar uma posição conjunta. A tendência mais palpável no momento é a de que permanecendo por muito tempo o quadro de indefinições, cada um siga o rumo de sua conveniência pessoal, esquecendo as tentativas de uma decisão global. Se isso acontecer, fatalmente os respingos maiores molharão o Governo Sarney, na medida em que sua liderança na Câmara acabará fragilizada pela falta de unidade para sustentar nas votações em plenário as matérias de interesse do Palácio do Planalto.